

~~373~~

J. A. PIRES DE LIMA

O HOMEM MEDIDA
DE TODAS AS COISAS



PORTO — 1948

J. A. Pires de Lima

O HOMEM MEDIDA DE TODAS AS COISAS

O HOMEM MEDIDA
DE TODAS AS COISAS



R 178607



Editor: M. A. M. S. S.
EMPRESA EDITORIAL GARCIA DO PORTO, S. A.
Rua S. Mateus de Lisboa, 112 - Lapa, Rio de Janeiro, RJ
C. P. 20.121-110

O HOMEM MEDIDA
DE TODAS AS COISAS

Edições MARÂNUS

EMPRESA INDUSTRIAL GRÁFICA DO PORTO, L.da
174, R. Mártires da Liberdade, 178 — Telefone 23798
PORTO — 1948

J. A. PIRES DE LIMA

O HOMEM MEDIDA DE TODAS AS COISAS

SEPARATA DO «MESTRIZ CULTURAL»
DA CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO
VOL. XI - FASC. 1-2



R. 178607

PORTO — 1948

J. A. PIRES DE LIMA

O HOMEM MEDIDA DE TODAS AS COISAS



SEPARATA DO «BOLETIM CULTURAL»
DA CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO
VOL. XI — FASC. 1-2

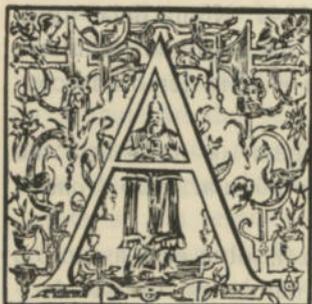
R158807



IMPRESSÃO GRÁFICA DO PORTO, Lda
Rua da Liberdade, 120 - Telefone 2774
PORTO 1948

O HOMEM MEDIDA DE TODAS AS COISAS

À memória do Professor Agostinho de Campos, grande Portuense e grande Mestre da língua.



partir de Janeiro de 1929, tive a honra de me relacionar intimamente com Agostinho de Campos. Ele era o Presidente da Junta de Educação Nacional, que reunia mensalmente no Ministério da Instrução, onde eu comparecia sempre, na qualidade de presidente da delegação no Porto daquela instituição.

Lembro-me com saudade das proveitosas conversas que tinha com

ele, antes ou depois das sessões.

Falávamos sempre de questões da língua portuguesa, cuja pureza ele defendia sempre, com toda a galhardia, de viva voz ou por escrito.

Duma vez, um colega nosso da comissão executiva da Junta referia-se a qualquer dificuldade que teve ao tirar o bilhete do combóio. Falou em *guichet*, o que fez irritar Mestre Agostinho de Campos. O professor referido mostrou certa hesitação em traduzir o termo francês, e o nosso Amigo resolveu prontamente o assunto: — «diga portinhola!».

Agostinho de Campos não permitia que se empregasse um galicismo, ou que se ofendesse de qualquer modo a pureza da nossa opulentíssima língua.

Há cerca de oito anos, o Professor Agostinho de Campos, em palestras pela rádio e em artigos de jornais, ocupou-se muito do vocabulário anatómico popular e da expansão do seu significado para fora do corpo humano.

Falou muito das unidades métricas tiradas dos órgãos do nosso corpo, tais como: palmo, polegada, braça, côvado, passo, pé, milha, etc..

Na minha qualidade de modesto anatómico, interessei-me pelo assunto e mandei-lhe uma lista de termos daquele género.

Não sei se o ilustre filólogo chegou a aproveitá-los para trabalho seu.

Mas encontrei agora, na minha papelada, duas cartas de Agostinho de Campos, que se referem àquela minha colaboração.

São ambas datadas de Setembro de 1941. Numa delas agradece a «copiosa» lista de termos derivados da anatomia popular e declara «que tomou nota delas para futura e mais demorada consideração do assunto, tão curioso».

Uma semana depois, agradecia também «a nova lista tão vasta e interessante, de casos de anatomia popular e do *Homem medida de todas as coisas*».

E aconselhava-me, nessa carta, a «fazer sobre esse assunto o trabalho completo que ele merece, aproveitando as curiosas derivações semânticas já colecionadas».

Chegou agora o momento de obedecer ao conselho do grande Mestre e Amigo, não para fazer um *trabalho completo*, de que seria incapaz, mas para tentar um simples esboço, que poderá ser desenvolvido por outrem mais competente.

Aproveitarei as listas que mandei há sete anos a Mestre Agostinho de Campos, ampliando-as o mais que pude.

Devo declarar que todos os termos que vou citar foram ouvidos por mim, no Porto ou no Minho.

Para o nosso povo, o Homem compõe-se de *corpo e alma* e, se a alma é apanágio do homem, pelo contrário, todos os ani-

mais e todos os vegetais têm corpo, e, também há um corpo de bomba e variadíssimas corporações.

Toda a gente trata hoje do Estado corporativo e existem os corporais, que usam os padres.

Dos objectos volumosos, diz-se que são encorpados.

Contudo, também se fala, figuradamente, da alma duma espingarda, duma peça de artilharia, duma rabeça, e ainda duma alma de cântaro!

Como generalidades do nosso corpo, fala-se na carne, nos ossos, na pele, nas artérias, veias, nervos e sangue. Vejamos como se generalizaram estes vocábulos anatómicos: a carne da fruta; carnaval é a despedida da carne (antes da quaresma), da cor da carne, saiu a palavra encarnado, e chama-se encarnar pintar uma imagem; há os pecados da carne, as folhas carnosas; há os ossos do officio, há quem se mostre em carne e osso, e a terra fica em osso, depois duma inundação; morrer é dar a ossada, e há coisas que não têm espinha nem osso; fala-se das artérias duma povoação, das veias de água, da veia duma pedra ou duma tábuca, dos nervos duma vagem, das nervuras duma folha, do nervo da guerra, da articulação das leis, da vascularização das plantas, de coisas invertebradas, da pele duma pera e de outros frutos, do sangue da terra, do sangue de drago (planta), da sangria desatada; costuma sangrar-se um rego de água, e há quem se sangre em saúde. Em política, há homens da direita e da esquerda.

Vamos agora dividir o corpo humano em cabeça, tronco (pescoço, peito, barriga, bacia com o períneo), membro superior e membro inferior, agrupando termos populares derivados da nomenclatura de cada um daqueles segmentos.

CABEÇA

Temos a considerar: a cabeça de comarca, cabeça de casal, cabeça da aguardente (primeira, mais forte), a cabeça do alambique, o capitel das colunas, capital (substantivo e adjectivo), a cabeça de turco, um cabeço da terra, a cabeçalha dum carro de bois, a cabeçada dum cavalo.

Há quebra-cabeças, testa de ponte, testa de ferro, cabeças de turco e de alfinete, e a cabeça de um livro; coisas que não têm pés nem cabeça; há quem ponha o sal na moleira; há o cabelo dos bolores, há quem seja peludo ou pelado e há a penugem dos pêssegos, que às vezes são carecas. Não esquecerei a cabeceira da mesa e a mesinha de cabeceira.

Há as faces duma parede, as barbas de milho e vêem-se, às vezes, caretas, bichos-caretas, caraças, carrancas, carantonhas, caras de pau, caras de asno e caras de poucos amigos.

Dar um bigode é pregar uma partida.

Existem bocas de lobo, boca de poço, boca do cofre, beiços de alguidar, Boca do Inferno, e flores bilabiadas.

A um imbecil chama-se boca aberta, e antigamente havia calças e espingardas de boca de sino.

Há línguas de trapos, de perguntador, línguas de vaca e de ovelha (plantas), línguas de sogra e de gato (doces), línguas de fechadura, língua de terra, linguado (peixe), lingueta e linguíça; dente de cão (cravagem de centeio), pinças de dente de rato, dentes de alho, de um garfo, de uma serra.

Há quem não meta dente num assunto e coisas que têm dente de coelho; há quem dê com a língua nos dentes e quem fale por entre dentes, quem se agarre com unhas e dentes, quem mostre os dentes e quem minta com quantos dentes tem na boca.

Estudemos agora os órgãos dos sentidos: vista, ouvido e cheiro.

Quanto ao primeiro, lembro-me dos que deitam o rabo do olho, dos que deitam mau olhado, dos que olham contra o governo, das lágrimas de crocodilo, duma lágrima de vinho, do olho da enxada, do olho da panela, do olho da rua, dos olhos de couve, dos olhos do azeite, dos olhos marinhos, do olheiro, da pestana (franja da saia). Há quem deite uma vista de olhos, e quem tenha lume no olho.

Não esqueçamos as lindas vistas do campo (paisagens).

A falta de visão estende-se às coisas inanimadas (nó cego).

A respeito do segundo, lembro-me da orelheira de porco, das coisas de trás da orelha, do ouvido do morteiro, da confissão

auricular, das orelhas de abade (doce), de quem faz ouvidos de mercador e de quem teve espírito santo de orelha.

Quanto ao sentido do olfacto e seus órgãos, só me lembro do aborrecido nariz de cera dos oradores, dos que têm pêlo na venta, daqueles que tomam uma pitada e a quem chega a mostarda ao nariz.

TRONCO

A parte mais volumosa do corpo humano é o tronco, e o mesmo sucede a uma árvore.

Vou empregar a este segmento do corpo o mesmo método que segui no estudo da cabeça.

Começo por citar o tronco de cone e a antiga prisão que tinha esse nome.

Para trazer ao pescoço do homem ou dos animais, temos colarinhos, colares, coleiras, golas, gargantas e gargantilhas. Fala-se da garganta dum rio.

Assim como o homem tem costas, também há costas marítimas, por exemplo a costa de África, e a encosta dum monte.

Também se fala nas costas de uma mesa ou de uma cadeira, num costal de bacalhau e nas costaneiras de papel.

Quando se ajuda uma pessoa, anda-se com ela às costas.

Como o umbigo está no meio da barriga, também há o umbigo das Espanhas no centro da nossa Península. A um doce muito conhecido dá-se o nome de barriga de freira.

Na parede do peito há as tetas, mas também há plantas denominadas chuchas e chuchas de cão. E, se os peitos da mulher dão leite, também há o leite de figueira e de celidónia.

Dentro do peito há o coração, mas cá por fora há o coração das melancias e a couve coração de boi.

Como lucraria agora a Civilização cristã se ressuscitasse Ricardo «Coração de Leão»?

Há quem se estomague e, pelo contrário, quem tenha bom estômago.

Assim como há os pulmões dentro do peito, também há os pulmões da cidade de Londres (parques).

Comer à tripa forra é comer demasiadamente.

Chama-se tripas da terra às raízes duma erva brava (grama) e fala-se nas entranhas da terra. Os portuenses têm muita honra em ser chamados tripeiros.

À roda do ventre, pode usar-se uma cinta ou cinturão e os alfaiates fazem casacos de cinta.

Temos um fígado, que segrega fel; mas também há o fígado de enxofre (mineral) e o fel da terra (planta).

Dos órgãos perineais que deram nomes a objectos comuns, não posso falar, por serem termos obscenos; mas citarei o instrumento de carpinteiro chamado macho e fêmea.

Não esquecerei a lombada dos livros que me fazem tão boa companhia.

Também não quero deixar de aludir ao peito da camisa, ao peitório da janela, ao dó de peito e ao parapeito das trincheiras.

MEMBRO SUPERIOR

Relacionados com a espádua, lembro-me dos vocábulos seguintes: ombreira da porta ou do vestido, axila das folhas. Há quem ombreie com alguém.

A palavra braço é que deu origem a um vocabulário popular riquíssimo, como vamos ver: braços da cruz, braços das árvores; existem cadeiras de braços, braças, braçadas e braçadeiras, assim como braços de mina, braços dos óculos e braços de alavanca.

Não esquecerei o onomástico local Braço de Prata.

Falarei do cotovelo da estrada, do cotovelo dum cano, das pessoas que se acotovelam na rua, e de outras que têm dor de cotovelo.

Há homens tão valentes, que são duma cana só (tem só um osso no antebraço). Os cirurgiões usam uma faca de entre-canas.

Do segmento imediatamente superior à mão, falarei dos punhos de renda, das pulseiras, dos pulsos de ferro e das pessoas que têm pulso (força).

Também a enxada e a foice, a espada ou a bengala têm punho, e há pessoas que andam às punhadas. O punhado também é uma medida, como o palmo e a polegada.

Chegamos agora ao segmento distal do membro superior, a parte mais humana do corpo, depois da cabeça. Vejamos como o povo aproveitou a palavra mão, bem como os dedos, para exprimir tão variados pensamentos.

Ao lado da palavra punhado, há também a manada. Mãozada é um cumprimento habitual. Palmas ou Palmeiras são árvores monocotiledóneas muito conhecidas.

Mão travessa é uma medida muito usada, e manobrar ou manipular é obra de mãos, como a cirurgia. Deitar uma mão é ajudar a um trabalho; há coisas que estão à mão de semear e, quando não estamos de bem com um sujeito, damos-lhe de mão.

Ter mão é segurar um cavalo.

De uma bordadeira afamada dizemos que tem mãos de fada. Mão de almofariz é a peça com que se moem sementes na farmácia.

Há quem bata palmas, e quem dê bofetadas sem mão e, como é sabido, fradinho da mão furada é o diabo.

Existem bens de mão-morta, muito podemos aprender lendo um manual, e, se quisermos, metemos mãos à obra. Podemos dar ao manípulo ou comprar uma mão de papel.

Há quem tenha um negócio entre mãos, ou entre dedos, como disse Gil Vicente.

Vão-se os anéis e fiquem os dedos. Há quem goste de dar dois dedos de conversa; digital tanto é uma planta como um adjectivo (relativo aos dedos), e dois dedos também servem de medida. Número dígito é o que tem um só algarismo, dedo de dama é uma casta de uvas e ter uma música em dedos é tê-la ensaiada e em termos de ser tocada.

De uma coisa excelente, não deve perder-se nem pitada. Existem falanges de soldados, sobretudo em Espanha.

Não devemos esquecer as unhas das pétalas, e fuja-mos de quem é unhas de fome e dos que cortam as unhas muito rentes.

MEMBRO INFERIOR

O povo chama perna a todo o membro inferior, menos a anca, o joelho e o pé. Dar à perna é andar, marchar, dançar, correr ou saltar.

Podemos cortar uma pernada de salsa ou comer uma pernada de noz.

Dar às gâmbias ou às canelas é fugir, e ter uma pessoa à perna é ser perseguido por ela. Não ir lá das pernas é não conseguir o que se deseja. Os coxos andam, às vezes, com uma perna de pau e há quem faça as coisas com uma perna às costas. Não esqueçamos as pernas da mesa ou da cadeira.

Derivado de joelho, temos as joelheiras das calças, o joelho do caminho, da rua ou dum cano e a rótula da janela.

Tratarei agora do segmento distal do membro inferior, do pé, que, de todos, foi o que deu, certamente, origem a mais numerosos ditos da linguagem popular portuguesa.

Vou mencioná-los, um pouco desordenadamente, à medida que me ocorram à memória.

Nas plantas também há pé, pedúnculo e peçolo. Temos de nos acautelar de um pé de vento e vivemos no calcanhar do Ocidente.

Há o pedal da bicicleta e o pedestal das estátuas, que podem ser pedestres.

Há os pègões da ponte, o pé de altar, a doença chamada pé aberto, o pé de meia dos aventos, a mesa de pé de galo, o sopé de um monte.

Às vezes andamos peados, outras vezes apeámo-nos.

Há roda-pé, peanha, guarda-pé e canapé.

Há muitos poetas que fazem versos de pé-quebrado e há muitos que metem os pés pelas mãos.

Existem os pés da cama, da mesa e da cadeira.

Há quem ande aos pontapés e quem ande em bicos de pés. Há quem traduza o jogo do *futebol* por pedibola.

Há os que vêm com pés de lã e quem procure um pé (pretexto) para fazer qualquer coisa; há quem goste de ter tudo ao pé da porta.

Há quem dê passadas em vão, quem deixe pègadas e quem ande na peugada de alguém.

Há quem salte a pés juntos, e, às vezes, dá-se um salto ou uma saltada a alguma parte; há saltimbancos e salta-pocinhas e conheço o Monte dos Saltos.

Há quem esteja sempre com o pé no estribo e outrora havia estudantes que eram pés de banco (nunca faltavam à aula).

Também há os saltos dos sapatos e o insecto chamado saltão (gafanhoto).

Há quem seja pé de chumbo, quem faça pé-de-alferes a uma rapariga e há quem responda ao pé da letra.

Os velhos têm pés de galinha no canto dos olhos, os gatunos utilizam pés de cabra e não falta quem tenha o seu pé de pavão.

Há quem dê passos em falso, quem dê um mau passo, e quem seja indiscreto em pé de conversa. Há quem não deixe a gente pôr pé em ramo verde.

Perdem-se muitas coisas do pé para a mão.

Não esqueçamos os passos de parafuso.

Mesa manca é um júri de exames a quem falta um dos membros.

Dar pateada é o contrário de bater palmas (aplaudir).

*

* * *

Cheguei ao termo da jornada que me propus fazer.

Desde há muitos anos me tenho dedicado a organizar um vocabulário anatómico popular (1).

Mas agora não tratei de colher palavras com que o povo designa os órgãos do corpo humano.

(1) Ver J. A. Pires de Lima — *Questões de linguagem científica* — Porto, 1942).



Aceitando a sugestão que me fez o meu saudoso Amigo Professor Agostinho de Campos, coligi modos de dizer derivados pitorescamente da Anatomia popular, palavras que o nosso povo fez passar do significado primitivo que tinha no corpo humano para designações inteiramente diferentes.

Razão tinha Agostinho de Campos quando me disse que o Homem era medida de todas as coisas.

Devo declarar que este trabalho é apenas modesto subsídio para o estudo do assunto.

Para o escrever, não utilizei qualquer bibliografia: apenas ouvi o povo, e nem sequer, para tentar ser completo, percorri as páginas dum dicionário.

Porto, 8-VII-48.



ACABOU-SE DE IMPRIMIR
NA EMPRESA INDUSTRIAL GRÁFICA DO PORTO, L.DA
174, RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178
NO ANO DE 1948

